

ADVERBIO

REVISTA CIENTÍFICA DOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG

VOL. 18 - N. 34 | JAN./JUL. 2024 | ISSN 1808-883X

A PERSPECTIVA INTERCULTURAL NO ENSINO DE LÍNGUA ADICIONAL: UM OLHAR PARA A LÍNGUA ESPANHOLA NO BRASIL

Jane Flavia Esser

Jéssica Daiani Zimmer Bulow

Paulo Cesar Fachin



A PERSPECTIVA INTERCULTURAL NO ENSINO DE LÍNGUA ADICIONAL: UM OLHAR PARA A LÍNGUA ESPANHOLA NO BRASIL

Jane Flavia Esser¹

Jéssica Daiani Zimmer Bulow²

Paulo Cesar Fachin³

RESUMO:

Os estudos integrantes deste trabalho tematizam o ensino de língua espanhola como língua adicional, considerando o contexto brasileiro, a partir de uma perspectiva intercultural, isto é, reflexões que buscam compreender como os aspectos culturais podem se conectar e contribuir para o processo de ensino/aprendizagem de línguas. Adotamos como referencial teórico as pesquisas de Eagleton (2005) e López (2004), que dialogam sobre o conceito de cultura; Lôpo Ramos (2021), com enfoque no entendimento sobre língua adicional; Mendes (2012), que faz referência à perspectiva intercultural, documentos oficiais como a LDB (1996), os PCN (2000) e a Lei n. 11.161 (2005), que reportam um caminho histórico da oferta de língua espanhola no Brasil; a BNCC que mudou o direcionamento do espanhol no ensino público e demais autores que contribuíram com as discussões apresentadas. A pesquisa trata de uma análise qualitativa com fontes de dados bibliográficos, justificando este estudo pela relevância de explorar o caminho de desenvolvimento do ensino de línguas adicionais por meio da perspectiva intercultural. Os resultados apontam a necessidade de o ensino de língua espanhola como língua adicional constituir uma visão intercultural na qual reflita sobre a significação da cultura, com suas variedades, tradições e, simultaneamente, discutir a diversidade cultural presente no mundo hispânico.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras pela Unioeste - Universidade Estadual do Oeste do Paraná e professora da Secretaria Municipal de Educação de Cascavel/PR – SEMED.

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras pela Unioeste - Universidade Estadual do Oeste do Paraná e professora de Educação Básica na Rede Municipal de Ensino.

³ Doutor em Letras pela Unioeste - Universidade Estadual do Oeste do Paraná e professor de Língua Espanhola do IFSC - Instituto Federal de Santa Catarina.

PALAVRAS-CHAVE:

Interculturalidade, Língua Adicional, Língua Espanhola.

1 INTRODUÇÃO

Tendo em conta a necessidade de discutir a perspectiva intercultural no ensino da língua espanhola aos brasileiros que estudam o idioma como língua adicional, o presente artigo busca dialogar com os conceitos de cultura, língua e identidade. Essa indissociável relação entre língua e cultura, tão relevante no ensino de línguas adicionais, dedica-se em proporcionar ao aluno o acesso à aprendizagem que tem como objetivo o desenvolvimento individual e social, uma vez que dialogar sobre o que concerne cultura na sala de aula é refletir diante das diferenças culturais, ampliar os conhecimentos e despertar no aluno o interesse de conhecer as culturas que caracterizam as identidades dos indivíduos.

Nesta parte inicial de nossa pesquisa e reflexões, não queremos apenas conceituar o termo “cultura” conforme as várias acepções existentes, e sim refletir sobre o seu papel no processo de ensino e aprendizagem de língua espanhola, doravante língua castelhana como língua adicional, de modo que o aprendiz, ao entrar em contato com a língua estudada, compreenda que a cultura é a língua, e que língua é consequência da cultura e, ao interagirmos com o mundo, por meio das manifestações da linguagem, estamos produzindo cultura.

Ensinar uma língua e discutir seus aspectos culturais na sala de aula não é somente apresentar aos alunos o costume, a gastronomia e apontar as características no modo de vida dos falantes da língua que está sendo aprendida, pelo contrário, é necessário mostrá-la de maneira reflexiva e contextualizada.

Discutiremos questões relacionadas ao conceito de língua adicional que vem sendo utilizado no estudo, com um sentido mais abrangente, de modo que o termo adicional pressupõe a existência de uma língua sem a necessidade de se distinguir a localidade, contexto geográfico ou até mesmo as características do aprendiz. Pontuaremos, também, alguns marcos importantes do sistema educacional brasileiro na oferta da língua espanhola como língua adicional.

Nesta investigação será mostrado que, a partir da perspectiva intercultural, o professor de espanhol poderá desenvolver uma abordagem de ensino mais significativa; de tal forma, cabe também a ele, como mediador dessa relação língua-cultura que está ensinando, selecionar mais do que textos para o estudo de aspectos gramaticais, mas unidades de sentido, contextos significativos das diferentes manifestações e produções culturais. Desse modo, ele assegurará, que os aprendizes possam ter contato não só com a linguística, mas aprendendo as dimensões socioculturais, políticas e históricas da língua em contato.

Nesse sentido, esta pesquisa procura, quanto ao caminho metodológico e aos instrumentos de geração de dados, discutir conceitos e abordagens do ensino da língua espanhola, dentre eles o conceito de língua adicional e a perspectiva da abordagem intercultural. Para tanto, realizamos uma revisão bibliográfica que contribuiu para o entendimento dos conceitos relacionados a esta pesquisa, como língua, cultura e identidade.

Portanto, os caminhos seguidos que orientaram o desenvolvimento desta pesquisa pertencem, inicialmente, à linguística aplicada, que estuda os significados da linguagem de acordo com o contexto e uso pela sociedade e também busca solucionar problemas referentes ao ensino de línguas.

Essa pesquisa compreende analisar como estão relacionados os aspectos culturais no ensino da língua espanhola como língua adicional aos aprendizes brasileiros. Dessa forma, após realizar um mapeamento de artigos, dissertações e teses produzidos nesse contexto, nos últimos anos, foi possível justificar a relevância do ensino do espanhol nas escolas públicas, necessitando, então, de estudos que deem visibilidade a perspectiva intercultural no ensino da língua espanhola.

Inserida nesse contexto, a pesquisa qualitativa se encontra atrelada ao estudo da linguagem, por meio da atitude do pesquisador em encontrar os propósitos da pesquisa. E no intuito de alcançar o objetivo do estudo, recorreremos à análise interpretativista, visto que, considerando essa análise, será possível a interpretação dos dados gerados:

[...] à pesquisa interpretativista interessa o detalhamento de uma situação específica e não a criação de leis universais. A inobservância desse critério leva, muitas vezes, a interpretações equivocadas no momento de análise dos dados gerados (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 196).

De acordo com a autora, ao pesquisador é indispensável a atenção na análise dos dados gerados, preocupando-se em considerar os dados de forma coerente. Desse modo, a partir da abordagem qualitativa, recorreremos a pesquisa exploratória, que busca detalhar melhor o estudo de acordo com o tema de pesquisa, evitando desta forma, deixar de fora aspectos importantes que possam ser primordiais para a explicação do tema.

Em suma, esta pesquisa se encontra ajustada no contexto da pesquisa bibliográfica, aliada à abordagem qualitativa, e se utiliza da pesquisa exploratória, na busca da totalidade de informações para a compreensão completa do estudo que, a partir do método de investigação interpretativista, possibilita ao pesquisador interpretar e análise dos dados gerados.

Ao adotarmos uma metodologia baseada na pesquisa bibliográfica, buscamos relacionar investigações já realizadas sobre o tema de estudo, a fim de dialogar com o que já foi escrito sobre o assunto. Além disso, o referencial teórico apresentado e discutido anteriormente, analisa e interpreta materiais bibliográficos de autores que tratam da perspectiva intercultural no ensino da língua espanhola como língua adicional aos aprendizes brasileiros, tendo como objetivo compreender como as relações interculturais perpassam o ensino da língua.

Para o embasamento teórico, selecionamos autores que forneceram fundamentação teórica, por meio de fontes de dados bibliográficos sobre o ensino da língua espanhola como língua adicional e as relações interculturais que perpassam o ensino da língua.

Desse modo, o artigo inicia com a introdução, aqui concebida, apresentando o percurso metodológico da pesquisa, seguida da fundamentação teórica com a expansão dos conceitos que apresentam embasamento ao estudo. Por fim, nas

considerações finais, apresentamos reflexões acerca das práticas de ensino-aprendizagem da língua espanhola no Brasil.

2 INTERCULTURALIDADE NO ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA

O ensino e a aprendizagem de línguas adicionais no Brasil se tornaram grandes desafios, especialmente em se tratando da língua espanhola. Recentemente, o ensino da língua espanhola vem sofrendo grandes alterações, principalmente nos currículos educacionais. Historicamente, documentos oficiais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (2000) e a sanção da Lei n. 11.161 (2005) tornaram a oferta da língua espanhola, obrigatória, nas escolas públicas e particulares de ensino.

A oferta do idioma na rede básica de educação de forma facultativa no ensino fundamental e obrigatória no ensino médio possibilitou o progresso do ensino da língua no país e muitas escolas do nível fundamental possibilitaram aos estudantes a oferta, o que resultou, com certeza, em um grande progresso para o ensino da língua espanhola como língua adicional.

Entretanto, segundo Fernández (2005), a oferta do espanhol das escolas públicas não garantiu principalmente os meios técnicos, o apoio bibliográfico que atendessem os aprendizes e qualificação de professores e professoras.

O Brasil possui laços estreitos com países hispano-americanos, devido a suas fronteiras territoriais, por questões sociais, políticas e principalmente comerciais que promovem o fortalecimento da relação intercultural entre os países. O ensino do espanhol no sistema educacional brasileiro, entretanto, como mencionamos anteriormente, vem sofrendo alterações, mudanças nos documentos oficiais tem reduzido a sua oferta no ensino público.

As mudanças em nível nacional provocaram um distanciamento linguístico do nosso país em relação aos seus “vizinhos”, de modo que a obrigatoriedade do espanhol foi precarizada a partir da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018),

que não prevê o ensino da língua espanhola como obrigatória, oferecendo na área da Linguagem os saberes de Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa. Dessa forma, vimos que não engloba os saberes referentes ao ensino de Língua Espanhola.

Ao fazermos uma reflexão e análise da BNCC, que se caracteriza enquanto a base curricular do sistema educacional brasileiro, identificamos que o documento direciona o ensino de línguas adicionais para a língua inglesa, não havendo nenhuma referência ao ensino de língua espanhola na educação básica nas escolas brasileiras e somente nos itinerários formativos e de acordo com a decisão e o desejo da escola e da comunidade local, porém, sem estabelecer as habilidades e competências básicas para a uso dessa disciplina nos currículos.

Nesta perspectiva, cabe a nós, enquanto pesquisadores e professores, investigarmos e analisarmos como está sendo encaminhado o ensino da língua espanhola aos nossos alunos. Desse modo, faz-se necessário entendemos que ensinar uma língua adicional implica sabermos qual concepção de língua empregaremos em nossas aulas, já que a forma como a concebemos definirá como entendemos o processo de ensino e de aprendizagem.

Para esse entendimento, falamos do ensino da língua espanhola como a aprendizagem de uma língua adicional aos estudantes brasileiros. Segundo Ramos (2021):

O conceito de língua adicional vem desempenhar essa nova função. Na medida em que se soma uma língua à que já se tem, a LA é expressão menos marcada ideologicamente, ela é "mais neutra e mais abrangente, em consonância com os argumentos de Nicolaidis & Tílio (2013:285), para quem "as línguas adicionais não são inferiores, superiores, ou mesmo substitutivas da primeira língua". (Brandão 2017). Também, de modo geral, não importa se é a segunda, a terceira ou a quarta língua, escalonamento que só interessará a depender do processo de interlíngua com a língua meta, o que será discutido em seção posterior, embora se tenha atribuído o estatuto de LA àquela que se aprende (ou adquire) depois da segunda (Klein 1995; Herdina; Jessner 2000; Munoz 2002, Rotawa 2009, Safont Jorda 2005), discussão ainda não pacificada entre autores. Também não importa se é língua de vizinhança, língua de acolhimento, língua de herança etc,

terminologia adequada somente em contextos específicos (RAMOS, 2021, p. 250).

Conforme exposto pelo autor, o conceito de língua adicional vem sendo utilizado como a adição de uma língua às línguas que o aprendiz já dispõe. O termo adicional implica na existência de uma língua sem a necessidade de se especificar o contexto geográfico, ou até mesmo as características individuais do estudante.

Portanto, neste trabalho, consideramos as perspectivas apresentadas por Ramos (2021), utilizamos o conceito de língua adicional (LA), que vem sendo discutido em diversos estudos, em razão da capacidade de considerar as diversas características da língua e do aprendiz.

A língua espanhola provém de um mesmo ramo linguístico da língua portuguesa, sendo assim, possui diversas similaridades, que levam os aprendizes a considerá-la como uma língua fácil. O contato linguístico de fronteira contribui para o interesse do aprendiz em conhecer mais sobre o idioma, seus contextos culturais e a promoção do diálogo intercultural.

O modo de aprender e ensinar uma nova língua, deve ser pensada, estimulando a formação de sujeitos críticos e reflexivos, cientes sobre o seu lugar no mundo e, dessa maneira, justifica-se a adesão de uma perspectiva intercultural para o ensino de línguas adicionais. Ensinar língua como um modo de interação social, de modo que a língua está sempre em movimento, leva-nos a defender um ensino no qual a cultura é um elemento primordial.

Entretanto, o conceito de cultura tem sido colocado com estereótipos no ensino da língua espanhola, transformando a ideia de que a língua é perfeita e que todos os falantes utilizam, ou deveriam usar somente a norma culta. Considerando de forma inconsciente o modelo de definição de culto em oposição a não culto, na dinâmica de que, se o sujeito não utiliza a norma padrão está falando errado. Dessa maneira, temos a interpretação limitada do que seja a perspectiva intercultural, pois ela considera as variações linguísticas, por exemplo, desconstruindo uma visão

tradicional de certo e errado, conduzindo-nos à compreensão de usos da língua adequados e não adequados, considerando e valorizando o local de fala do sujeito.

A correlação equivocada de cultura com a norma padrão, enquanto normativo, com regras e modelo, explora diferentes áreas do conhecimento, enfatizando um preconceito linguístico com relação às variedades linguísticas presentes na fala dos diversos grupos sociais; ou ao considerar que uma cultura será superior ou inferior a outra, que a variedade linguística de um determinado grupo social tenha mais prestígio que a de outro grupo.

Quando falantes de dialetos desprestigiados lidam com falantes de dialetos prestigiados, eles, de forma inconsciente, aderem às regras linguísticas, na intenção de se acobertar. O preconceito linguístico também ocorre em expressões como “sem cultura”, em diversas situações, pode se relacionar a pessoa que não possua critérios mínimos de escolarização, especialmente quando alguém comete um equívoco na fala.

Diferente do entendimento enraizado de preconceito linguístico, apresentamos concepções que corroboram o pensamento de Labov (1987), o qual apresenta formas de se reverter esse quadro, explicando que,

A língua da sala de aula em uma propriedade comum de todas as classes sociais e grupos étnicos; livre da identificação com o estilo masculino e feminino; neutra em relação à oposição entre a alta cultura e a cultura popular; independente de outros processos de socialização do sistema escolar e restauradora do vigor da vida cotidiana. Um passo nessa direção é rejeitar os símbolos socialmente significativos que carregam esse peso social (LABOV, 1987, apud RONCARATI, 2008, p. 53).

Dessa forma, levar em conta a diversidade linguística, valorizado nas aulas de línguas adicionais todas as variedades presentes no idioma, e não apenas a variedade maior prestígio, considerando as marcas regionais, os contextos reais e meios de comunicação. Bakhtin (1988 [1929], p. 147) afirma que “conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto presente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma, ora outra, ora uma variante, ora outra”.

Entendemos, portanto, a perspectiva de que a língua é um fenômeno social cuja natureza é viva e em constante movimento e transformação.

Desse modo, a língua não é apenas um meio de comunicação, mas a condição de compreensão e de aproximação de pessoas de diferentes culturas, ou seja, da interação entre elas, que reflete o mundo real, as condições vivenciadas, as tradições, os hábitos, a moral, o sistema de valores, o modo de vida, a percepção e visão de mundo, sendo assim, a língua é o espelho da cultura.

Para compreendermos essa relação, faz-se imprescindível conceituar, de acordo alguns autores, o termo cultura, logo, segundo Eagleton (2005), pode ser entendida como o conjunto de crenças, costumes e valores que representam as práticas e o modo de vida de determinado grupo social. Esse conjunto permite ao indivíduo participar e interagir em sua comunidade.

López (2004) entende que a cultura é "como uma visão do mundo, adquirida em parte, junto com a língua, que determina as crenças, pressuposições e comportamentos linguísticos e não linguísticos dos falantes" (López, 2004, p. 515).

No intuito de aproximar práticas sociais e práticas escolares, aliando uma perspectiva intercultural no ensino da língua espanhola como língua adicional, podemos pensar um ensino que propõe intercultural não apenas como apresentar aspectos culturais, conforme afirma Mendes (2012):

No ensino-aprendizagem de línguas, o sentido que atribuo ao termo intercultural é o de um esforço, uma ação integradora, capaz de suscitar comportamentos e atitudes comprometidos com princípios orientados para o respeito ao outro, às diferenças, à diversidade cultural que caracteriza todo processo de ensino-aprendizagem, seja ele de línguas ou de qualquer outro conteúdo escolar. É o esforço para a busca da interação, da integração e da cooperação entre os indivíduos de diferentes referências culturais (2012, p. 360, grifo do autor).

Nesse contexto, não basta reconhecer a diversidade cultural, é preciso um trabalho árduo para fazer com que as diferentes partes se dialoguem. Para que haja a integração das identidades culturais, é necessária a atuação dos agentes interculturais, ou seja, de cada um de nós, alunos, pesquisadores e professores.

Entendemos por identidade cultural o grau de pertencimento em que uma pessoa se sente conectada ao grupo de referência, está ligada à participação da cultura de um ou mais grupos, expressa e percebida por diferentes formas.

Paraquett (2010) defende o ensino da língua estrangeira, a qual nos referimos como língua adicional, por meio da cultura, e compreende que o aprendiz precisa ter boas referências quanto a sua identidade cultural para a aprendizagem de forma eficaz. Dessa forma:

[...] identidade cultural da língua estrangeira precisa ser trabalhada de forma que o aprendiz se valha dela para intensificar o seu processo de pertencimento cultural ao ambiente no qual vive. Não fosse assim, a aprendizagem de uma língua estrangeira desestabilizaria aos aprendizes. Mas, lamentavelmente, é possível que haja ainda hoje quem acredite que aprender língua com cultura é sair de si para ser o outro, como se isso fosse possível (PARAQUETT, 2010, p. 143).

De acordo com a autora, a identidade do indivíduo precisa ser trabalhada, a fim de compreender a comunidade cultural a qual se vincula, para se sentir preparado a aceitar a cultura do outro, de modo a dialogar com a cultura da língua que está sendo aprendida, e não substituir sua identidade cultural considerando-a inferior ou superior.

Pensando dessa forma, a promoção do ensino da língua espanhola como língua adicional vinculada a interculturalidade não se reduz apenas à construção de currículos e materiais didáticos com conteúdo centrados nas características culturais de um determinado grupo ou país, ou seja, não é suficiente eleger aspectos relacionados a cultura da Espanha, ou do México, e levar para a sala de aula a fim de mostrar os diferentes comportamentos sociais. Segundo Mendes (2012), "Ser culturalmente sensível em prol da construção de um diálogo intercultural é algo muito mais abrangente do que isso" (2012, p. 361).

Entendemos que ensinar uma língua adicional implica sabermos qual concepção de língua e cultura utilizaremos em nossas aulas, já que a forma como a concebemos definirá como entendemos o processo de ensino-aprendizagem. Por

consequência, torna-se fundamental incentivar os aprendizes a reconhecerem a língua, não apenas em questões de tradução e gramática, mas sobretudo suas especificidades, culturais e contextuais.

O ensino de certas expressões instrumentais leva a imitação pura e simples do modo de falar, de se vestir, considerado como ideal, e em muitas vezes ocorre de levar o aprender a menosprezar a sua própria cultura. Entretanto, de acordo com Mendes (2012), “dialogar dentro da interculturalidade significa, portanto, abrir-se para a outra cultura e deixar-se ver pelo outro como o qual se estabelece o diálogo” (2012, p. 361). Pensando a cultura como espaço de criticidade, onde o conhecimento do outro levará o aprendiz a questionar e refletir sobre a cultura do outro e sobre sua própria cultura.

Ao refletirmos, podemos compreender que o ensino da língua espanhola no Brasil é muito mais que conhecer a cultura dos países vizinhos, é poder dialogar dentro da interculturalidade e refletir sobre suas vivências, tradições, crenças e costumes.

Ensinar e aprender uma nova língua-cultura deve ser, portanto, um processo de compartilhar na sala de aula, além do conhecimento relativo à língua que está sendo ensinada e aprendida, toda a gama de informações inerentes aos mundos culturais específicos. De acordo com Teixeira (2011),

A perspectiva intercultural vem para mudar paradigmas na educação, proporcionando, assim, através da formação multicultural do professor: maior interação entre os sujeitos, que são possuidores de diferentes culturas e identidades; troca de experiências culturais; oportunidade de crescimento enquanto indivíduos sociais; diminuição de desigualdades em todos os aspectos sociais; reelaboração de livros didáticos, dentre outros aspectos (2011, p. 35).

Partindo dessas considerações, compreendemos a relevância da interculturalidade no ensino de línguas adicionais, e como é primordial falarmos sobre esse tema no ensino da língua espanhola, como sendo uma das formas de promover a ampliação dessa discussão no ensino e aprendizagem.

Além de falarmos sobre o tema da abordagem intercultural para a sua construção, é vital a formação de agentes de interculturalidade, que desenvolvam práticas de ensino-aprendizagem capazes de causar mudança de comportamento, de renovação do modo de ver o mundo e serem sensíveis aos sujeitos constituídos culturalmente com os quais estão em contato. Tais iniciativas buscam o fortalecimento de diálogos interculturais desenvolvidos em relação ao espanhol, sobretudo em razão do contexto brasileiro de fronteira com países falantes de espanhol.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da língua espanhola é de suma importância, pois estamos cercados de países que falam esta língua. Sem dúvida, o ensino demanda considerar a heterogeneidade dessa língua, a partir de suas variedades geográficas, com o objetivo de ampliar o repertório linguístico dos alunos, uma vez, que o espanhol se tornou um dos principais meios para a comunicação no comércio mundial, nas competições esportivas, no turismo, entre outros. Ensinar e aprender qualquer idioma a partir de sua pluralidade, é abrir as portas para o mundo do trabalho, podendo ser um importante diferencial para uma boa colocação nesse contexto, e também poder promover o respeito e combater o preconceito linguístico, tão presente na sociedade.

Desta forma, a abordagem intercultural permite as experiências de ensinar e aprender uma nova língua e uma nova cultura, de forma significativa, considerando contextos voltadas a interação entre os sujeitos. Oportunizando ao aprendiz, e não só ele, mas todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, refletir sobre a visão de cultura que está inserido.

Pensar no processo de ensino do espanhol como língua adicional aos aprendizes brasileiros é um grande desafio, uma vez que os aprendizes se deparam com processos históricos que precarizam o ensino da língua no país, com a ausência de diretrizes educacionais e apoio didático para o ensino da língua espanhola.

As reflexões aqui desenvolvidas servem de base para que os sistemas educacionais e escolas brasileiras possam ensinar a língua espanhola, que tem uma relação histórica com a língua a qual falamos. Geograficamente, estamos a margem de países cuja língua oficial é o espanhol e com quem temos ligações históricas, culturais, educacionais e comerciais em comum.

O sujeito linguístico é afetado social e historicamente por sua cultura, e na aprendizagem da língua adicional, ele tem contato com a cultura dos professores, dos colegas de classe e a cultura da língua que o mesmo deseja ser tomado. Nessa prática, o aprendiz, conseqüentemente reflete sobre as diferentes culturas, uma vez que essa cultura é tão igual e ao mesmo tempo tão diferente e importante quanto a sua.

Ressaltamos a importância de professores e pesquisadores refletirem sobre as concepções que estão nas suas ações, a respeito de língua, cultura, ensinar e aprender línguas adicionais. Partindo de um estudo em uma perspectiva intercultural, temos uma grande oportunidade de trabalhar essas diferenças e empreender junto com os alunos um diálogo intercultural.

Diante de tudo isso, o artigo teve como objetivo geral dialogar sobre o ensino do espanhol no Brasil a partir da perspectiva intercultural, que pode ampliar a capacidade do aprendiz entender o “outro” e a “si próprio”, resultando na ampliação de horizontes para a vida.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. De Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988 [1929].

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. Série Estratégias de Ensino. São Paulo: Parábola, 2008

BRASIL. Ministério da Educação, **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (Ensino Médio) – Linguagens, Códigos e

suas Tecnologias. Brasília, 2000.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

FERNÁNDEZ, F. M. El Español en Brasil. In: SEDYCIAS, João. (Org.). **O Ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, 18-24 p.

LÓPEZ, L. M. La subcompetencia sociocultural. In: Gargallo, I. S.; Lobato, J. S. (orgs) **Vademécum para la formación de profesores: Enseñar español como segunda lengua (L2)/ lengua extranjera (LE)**. España: SGEL, 2004. p. 511- 531.

MENDES, E. Aprender a ser e a viver com o outro: materiais didáticos interculturais para o ensino de Português LE/L2. In: SCHEYERL, D.; SIQUEIRA, S. **Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 355-378.

PARAQUETT, M. Multiculturalismo, interculturalismo e ensino/aprendizagem de espanhol para brasileiros. In: BARROS, Cristiano Silva e GOETTENAUER, Elzimar de Marins Costa (Coord.). **Espanhol: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, 292p. Coleção Explorando o Ensino, v. 16, p. 137-156

RONCARATI, C. Prestígio e preconceito linguísticos. In: **Cadernos de letras da UFF – preconceito linguístico e cânone literário**, 36, 2008, p. 45-56.

TEIXEIRA, C. dos S. **Livro didático de PLE/ELE: uma perspectiva intercultural na abordagem de ensino**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, 2011.